

INOVAÇÕES LEXICAIS NA FALA DA CRIANÇA: A CONTRIBUIÇÃO DAS IDEIAS SAUSSUREANAS PARA SUA ANÁLISE.

Camila Rossetti VIEIRA

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Attié Figueira

RESUMO: A criação de palavras novas, que não estão presentes na fala dos adultos, é um fenômeno registrado, predominantemente, entre 3 e 5 anos de idade¹ na fala de muitas crianças. Ítens tais como *pinteiro* para *pintor* (cf. Figueira (1995) revestem-se de interesse para a área Aquisição de Linguagem e levam os investigadores a indagar: - por que as crianças criam palavras novas? - como o fazem? Na presente pesquisa projetamos em primeiro lugar reunir um conjunto de dados, recolhido das seguintes fontes bibliográficas: Figueira 1995, 1996, 1999 e Santos 1997². Nosso objetivo é verificar qual a contribuição de Saussure (*Curso de Linguística Geral*), ao tratamento deste tema, procurando ao mesmo tempo avaliar o que tais ocorrências revelam da posição do sujeito em relação à língua. Neste contexto, o interacionismo³ se apresenta como o horizonte teórico da pesquisa.

Palavras Chave: Aquisição de Linguagem, inovações lexicais, analogia, Saussure.

Introdução

O projeto que aqui se apresenta é a proposta inicial para uma Iniciação Científica que se justifica pela questão que vem há muito sendo colocada como objetivo principal da área de Aquisição de Linguagem: como se dá a passagem do *infans*, aquele que não fala, para o sujeito falante?

Ao levantar a questão acima, tomaremos como ponto de partida uma das particularidades da fala da criança neste percurso, as inovações lexicais. Convivendo com os chamados “erros” (ou “ocorrências divergentes”, como chamados por Figueira 1995), tal recorte empírico é um material privilegiado de análise para os pesquisadores da linha interacionista (De Lemos, Pereira de Castro, Figueira, Maldonado, entre outros), estudiosos que enxergam neste rico e extenso material um domínio apto a mostrar o processo de captura⁴ do sujeito pela língua. Esta pesquisa enquadrando-se nesta abordagem teórica, retoma e valoriza a tradição estruturalista. Sendo assim, desenvolveremos a análise das formações neológicas

¹ Este fenômeno atravessa o período de aquisição da linguagem, mas é predominante entre os 3 e 5 anos de idade;

² Nossa observação poderá se estender a outros autores, como, por exemplo, Cauduro (2001);

³ Ver mais em: De Lemos(2003) e Pereira de Castro & Figueira (2006), entre outros;

⁴ Termo usado por De Lemos em sua teorização.

levando em conta a contribuição de Ferdinand Saussure a partir do Curso de Linguística Geral, sendo que esta será buscada nos capítulos sobre relações sintagmáticas e associativas, mecanismo da língua e na discussão sobre o fenômeno da analogia.

A fim de deixar mais clara a justificativa do projeto, abriremos abaixo duas seções. Na primeira apresentaremos autores da Aquisição de Linguagem que se voltaram para as inovações lexicais na fala infantil; faremos isto com o intuito de elucidar descobertas que, de certa maneira, nos influenciaram na escolha do tema analogia. Na segunda seção, traremos Saussure e suas ideias, com a finalidade de mostrar a importância deste nos estudos lingüísticos e verificar se suas postulações podem nos ajudar a entender melhor a pergunta que nos fizemos no início.

1. As inovações lexicais nos estudos da Aquisição de Linguagem

Os estudos das inovações lexicais na fala infantil encontram-se em publicações de autores interessados no léxico e na morfologia. Clark (1982) pode ilustrar este interesse. A autora desenvolveu um estudo da fala inicial de crianças em processo de aquisição do inglês, francês e alemão. Entre os estudiosos da aquisição do português, adotando um ponto de vista interacionista, Figueira (1995), desenvolveu sua pesquisa com dados de duas crianças (2 a 5 anos), em processo de aquisição do português brasileiro.

A grosso modo, pode-se dizer que ambas observaram, assim como disserta Clark (id.), que a criança apresenta uma ampla criatividade lexical, exemplificada por criações de novos nomes para agentes e instrumentos, assim como a criação de novos adjetivos e verbos. Não é irrelevante, portanto, que tais estruturas sejam tidas como objeto de estudo e que sejam analisadas como peças importantes no processo de aquisição da linguagem.

Na tentativa de nos unir a esses estudos faz-se necessário, assim como propõe Clark (id.), que comecemos colocando duas questões fundamentais. São elas:

- a) *Por que as crianças criam palavras novas?*
- b) *Como elas o fazem?*

Sobre a questão em (a), Clark (id.), afirma que a causa da existência de inovações lexicais na fala da criança está relacionada à função comunicativa da linguagem. Entendemos, portanto, que as crianças podem criar palavras novas para expressar significados, na tentativa de se comunicar com o interlocutor e significar o mundo que estão conhecendo. Não se pode, obviamente, pressupor que com essa atividade a criança tenha consciência de que está criando palavras novas, bem como não se pode atribuir a ela intenções de renovar o léxico.

As inovações lexicais podem ser facilmente identificadas quando observamos a fala infantil, como, por exemplo, no fragmento apresentado no dado (1)⁵ que será mostrado abaixo. Neste, o sujeito J. usa em sua fala um adjetivo em português que qualifica pessoas que lembram de coisas. Adjetivo tal não é encontrado no léxico do adulto. A inovação, que

⁵ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. (1996). "O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem". In O Método e o Dado no Estudo da linguagem, p. 55-86, Editora da UNICAMP, Campinas.

pode surpreender o adulto, não afeta a criança que permanece indiferente ao neologismo produzido em sua fala – aspecto este enfatizado por Figueira⁶.

(1) (Chegando a Poços de Caldas, ao desfazer as malas, a irmã de J. diz).

A. Puxa, mãe. Você não esqueceu nada, hein?

J. A mamãe é muito **lembrosa**⁷.

(D – 4; 5.10).

Ainda segundo Clark (id.), a resposta para a questão em (b) é a de que as crianças produzem novas criações lexicais combinando palavras e morfemas (lexicais ou gramaticais) que elas já conhecem. Acrescenta-se ainda, como postula Figueira (1995), que essas ocorrências evidenciam que as crianças operam (sem sabê-lo) com processos de derivação e composição, submetidas que estão ao funcionamento linguístico. Nota-se que uma análise mesmo que superficial para o dado acima apresentado pode dar a conhecer que a criança apresenta uma forma derivada do verbo “lembrar” acrescido do sufixo “-osa” frequentemente encontrado em adjetivos, tais como: *teimosa, cuidadosa, melindrosa, amorosa*, etc.

No entanto, a complexidade do fenômeno não nos permite a simples aceitação da resposta oferecida. Neste sentido é que precisamos nos indagar acerca de uma outra série de questões que quando explicitadas nos ajudam a entender melhor como as crianças criam palavras novas.

Segundo a própria Clark (id.), as questões seriam as seguintes: qual o limite da produtividade das inovações das crianças e por que elas as usam? Qual a relação entre as inovações das crianças e as dos adultos? Qual a forma que o processo de inovação toma? Ou seja, esse processo sustenta-se a partir de uma regra ou de uma analogia?

Tais questões serão tratadas no decorrer da pesquisa, ora em andamento. No entanto, podemos desde já atentar para a última postulação, uma vez que é o ponto-chave deste projeto. Ela evidencia a discussão do fenômeno da analogia na fala da criança. Iniciando-nos nesta discussão, vamos observar a seguinte colocação de Clark (id):

Children could take a particular term already in their repertoire and construct a new one by analogy, say the pair jump/jumped as a model for bump/bumped, or they could abstract a rule as “Add -ed to all verb stems to express past time” and use that.⁸ (Clark, 1982. – pg 39).

A discussão introduzida por Clark é a de que as criações lexicais podem ser compreendidas de duas maneiras: ou como frutos de um processo de analogia ou se como derivadas da construção de uma regra. Apesar de parecer, a resposta para essa questão não é tão simples, uma vez que, como afirma Clark, nenhuma pesquisa⁹ que a englobou conseguiu contrastar analogia e regra. Segundo a autora os dois fenômenos atuam em um *continuum*.

⁶ Como assinala Figueira (comunicação pessoal) este fato também ocorre com outras ocorrências divergentes da fala da criança – o que conduz a autora a afirmar que as ocorrências neológicas da criança não têm o mesmo estatuto daquelas que ocorrem na fala do adulto. Tal aspecto – presente na reflexão de Figueira – será por nós retomado.

⁷ Usaremos negrito para o item a ser considerado.

⁸ As crianças poderiam tomar um termo em particular que já está em seu repertório e construir um novo termo por analogia, diz-se que o par jump/jumped é um modelo para bump/bumped, ou elas podem abstrair uma regra que como “adicionar -ed em todos os verbos para expressar o passado” e usá-la. (Clark, 1982. – Tradução minha).

Mas qual a definição para tais fenômenos e em que sentido eles nos ajudam a compreender as inovações lexicais na fala infantil? Sendo regra, assim como disserta Dubois (1983), “uma hipótese a respeito de um mecanismo da língua” e sendo “mecanismo da língua” e analogia conceitos abordados, primordialmente, na teoria saussureana, não seria o caso de averiguar em Saussure as respostas para as perguntas que nos colocamos acima? Nesse sentido, é que, como já foi dito, buscamos no presente trabalho trazer passagens do Curso de Linguística Geral verificando se podem ser usadas na discussão da fala da criança no período de aquisição de linguagem.

2. Saussure

O nome de Ferdinand de Saussure está, inegavelmente, associado à afirmação da Linguística enquanto ciência. Seus esforços para delimitar um objeto específico e uma metodologia de análise foram, e ainda são reconhecidos como precursores da ciência da linguagem por toda a comunidade de cientistas. Uma breve explanação de suas ideias é encontrada na maioria das pesquisas executadas nas ciências da linguagem. Nesse sentido é que, para uma melhor compreensão da obra fundadora da Linguística (*Cours de Linguistique Générale*, publicado em 1916), organizaremos, abaixo, um preâmbulo acerca do contexto histórico no qual emerge Saussure.

Segundo Guimarães (2001), o pensamento moderno sobre a linguagem, isto é, o pensamento do século XIX, firmou-se com a linguística comparativa, a qual tinha como objeto de estudos as formas em processo de mudança linguística. A teoria via neste objeto a possibilidade de construir árvores genealógicas para as línguas indo-européias, esclarecendo assim, o passado linguístico das mesmas. Guimarães afirma ainda que os estudos comparatistas eram calcados em uma posição naturalista e biologizante da linguagem e que sua característica principal era a criação de leis fonéticas.

É nesse meio comparativista que Saussure se forma. No entanto, ele abdica da concepção naturalística sobre a linguagem e com isso funda um dos movimentos que iniciaram a Linguística. Dos cursos de linguística geral, por ele ministrado na universidade de Genebra, seriam retiradas futuramente as anotações que deram origem ao livro com o mesmo nome, o qual ainda hoje é objeto de estudos.

Muitas das ideias apresentadas neste têm suas raízes na própria formação do mestre. Sobre isso Guimarães (id.) afirma, por exemplo, que os estudos linguísticos só tomaram a forma que tem hoje porque Saussure, no século XX, rompeu com essa tradição naturalista e tentou ligar duas vertentes científicas vigentes no momento: a alemã e a francesa.

É por conta dessa ligação que, ainda segundo Guimarães (ib.), Saussure concebeu a distinção clássica entre *língua e fala*, definindo a primeira como o objeto principal da linguística por apresentar uma homogeneidade interna que caracterizaria um sistema. A partir da noção de sistema podemos falar de uma segunda dicotomia importante: sincronia e diacronia, sendo que para Saussure a Linguística deveria ser focada em estudos sincrônicos, nos quais se observa a língua em funcionamento. No entanto, não podemos dizer que Saussure não enfoca a questão da diacronia, sobre esse assunto voltaremos

⁹ Exemplos dessas pesquisas podem ser encontrados em Clark (1982)

nossa atenção no estudo a ser desenvolvido, principalmente através da conceituação de analogia.

A partir dessa breve explanação do autor que evidenciou sua importância para os estudos linguísticos, podemos voltar para o nosso objeto central: teoria saussureana exposta no livro Curso de Linguística Geral de 1916. Neste livro o autor¹⁰ reserva os capítulos IV e V da terceira parte do livro, intitulada *Linguística Diacrônica*, para o tema analogia. O que faremos a seguir será, portanto, uma breve apresentação dessa concepção. Para um melhor entendimento, serão mostradas também duas outras contribuições do autor que julgamos importantes, pois tangem, de certa maneira, a descrição de analogia. São elas: relações sintagmáticas e relações associativas e a arbitrariedade do signo.

O nosso olhar se volta neste momento para a primeira das contribuições citadas acima, a proposição de relações sintagmáticas e associativas no funcionamento linguístico. Segundo o autor, as unidades linguísticas de um ‘estado de língua’ estão pautadas nessas duas ordens de relações. A criança em processo de aquisição da linguagem também defronta-se com um ‘estado de língua’. Sendo assim, elucidar o que se entende pelas relações sintagmáticas e associativas faz-se imprescindível para o estudo desse processo.

De uma maneira precisa Saussure resume essas relações através de uma dicotomia: relações que ocorrem *in presentia* X relações que ocorrem *in absentia*. (mnemônicas). Sobre isso, o autor ainda afirma que:

Deste duplo ponto de vista [*presentia x absentia*], uma unidade linguística é comparável a uma parte determinada de um edifício, uma coluna, por exemplo; a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia, etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa. (CLG, p. 143).

A partir desta descrição postula-se a formação das relações como eixos de um gráfico. No eixo vertical estão as relações baseadas no caráter linear da língua. Relações essas que se dão entre elementos pertencentes a uma cadeia da fala. A esses elementos Saussure refere-se com o termo “sintagma”¹¹, que é aplicado pelo autor não só para as palavras, mas também para os grupos de palavras. Já no eixo horizontal as relações se dão através de associações presentes na memória ou, nas palavras do mestre, “no espírito”, tais relações são de natureza diferenciada, uma vez que formam grupos nos quais existem relações diversas, as quais recebem o nome de relações associativas.

Pode-se acrescentar ainda que relações aparentemente antagônicas, por atuarem em eixos diferentes são, em sua constituição de base, indissociáveis, porque uma não ocorre sem a presença da outra. Isso é explicado, por exemplo, pelo fato de que um sintagma só existe enquanto tal porque pode ser recortado em séria associativa. O que queremos dizer é que uma unidade como “caneta” só pode ser chamada de sintagma porque, numa cadeia como “a caneta caiu” está em um eixo associativo com outras unidades tais como: “lápiz”, “borracha”, “estojo”, “caderno”, assim por diante.

¹⁰ Como se sabe, o livro Curso de Linguística Geral é constituído por anotações de aulas de Ferdinand de Saussure organizadas por dois de seus alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye

¹¹ Sintagma (Saussure, 1916. Pg 143-144) “a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e a toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras).”

Destacaremos, neste momento, um posicionamento de Saussure acerca das relações, o qual podemos aplicar em nossa pesquisa. Para tanto, retiramos o seguinte trecho do *Curso*:

- a) Os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. (Saussure 1916. Pg.146)

Perguntamos: esta afirmação de Saussure não nos moveria a estudar a maneira multidirecional das relações associativas e por que não dizer, das analogias, acontecerem? Será que tal multidirecionalidade também é encontrada na fala da criança? Focalizaremos estas questões no decorrer da pesquisa.

Na finalização desta breve discussão sobre as relações, tais indagações serão confrontadas com os dados e aplicada ao nosso estudo, na medida que nos ajudam a entender o funcionamento da linguagem que a criança está adquirindo e a maneira como são formadas as novas criações lexicais. No entanto, para uma melhor compreensão, faz-se necessário discutir também a arbitrariedade do signo linguístico proposto por Saussure, pois esta nos ajudará a responder uma outra questão relevante na presente pesquisa: Qual a extensão da produtividade da fala infantil?

O capítulo VI da segunda parte do Curso de Linguística Geral apresenta as concepções de Arbitrário Absoluto e Arbitrário Relativo, importantes nesse projeto pelos motivos elucidados acima. Sobre esse assunto o autor disserta: “... tudo que se refira à língua enquanto sistema exige, a nosso ver, que a abordemos desse ponto de vista, de que pouco cuidam os linguístas: a limitação do arbitrário...”. (Saussure, 1916. Pg. 153)

Mas qual é esse limite e como ele pode ser estabelecido? Vamos considerar, primeiramente, quais as gradações do arbitrário. Um termo pode ser absolutamente arbitrário ou arbitrário relativo. O primeiro é aquele que não evoca ou se associa a outros termos para compô-lo e o segundo é oposto, ou seja, está associado a outros termos. O autor exemplifica essas concepções apresentando a palavra “vinte” em oposição a palavra “dezenove”. Observa que a palavra “vinte” não tem nenhum vestígio de outra palavra; a palavra “dezenove”, no entanto, evoca a palavra “dez” e a palavra “nove”, sendo assim é uma palavra relativamente arbitrária.

Destacamos, ainda, dessa parte do *Curso*, o que Saussure afirma sobre os elementos formativos transparentes em contraponto a elementos formativos de significação turva ou inteiramente nula. Questiona-se assim a arbitrariedade absoluta. O que poderíamos afirmar sobre essa questão no tocante a fala da criança? Existem elementos turvos e transparentes? Essa questão, nós a deixaremos em aberto para futura investigação.

Sobre a questão da arbitrariedade do signo alguns¹² pesquisadores da área da Aquisição da Linguagem, que nos antecederam, teceram comentários sobre a classificação do arbitrário proposto por Saussure. Dentre eles vamos destacar o trabalho de Figueira (1995), que em alguns de seus textos disserta sobre o assunto e mostra, a partir da análise de dados, que formações novas como “roubador” no lugar de “ladrão” tornam necessária a consideração de que a concepção de arbitrário relativo predomina na fala da criança em relação ao

¹² Citaremos aqui alguns desses autores: Figueira & Castro (2006), De Lemos (1995).

arbitrário absoluto. Com efeito, traremos o dado (2)¹³ do qual emerge uma nova forma que pode ser associada a outros elementos (ex. *vendedor, comprador, perseguidor*), constituindo, assim como já foi dito, um arbitrário relativo, em vez do arbitrário absoluto de “ladrão”.

(2) (Vendo um tipo suspeito, um ladrão, em cena de novela na tevê, J se dirige a ele, em tom teatral)

J. Quem é você, **roubador de anéis**?

(D – 4; 5.17).

Voltemos ao tema principal: Analogia. Saussure a define da seguinte maneira: “*Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada...*”. (Saussure, 2004. Pg. 187). Podemos observar que a conceituação que o autor faz de forma analógica convoca-nos a estabelecer uma relação com o que anteriormente foi denominado Relação Associativa, porque se a analogia se constitui à imagem de outra forma, essa última se une à primeira em um possível eixo de associação.

Isto porém não é suficiente. Devemos aprofundar a definição acima, buscando esgotar todas as afirmações encontradas no livro *Curso de Linguística Geral (187-195)* sobre o fenômeno da analogia. A apresentação abaixo mostra o resultado de nossa busca.

- (a) “A analogia é um fenômeno que incide sobre um aspecto exterior da palavra”.
- (b) “A analogia tem um caráter de unificar as formas e estabelecer uma regularidade”.
- (c) “Existem formas que resistem, por uma razão ou outra, à analogia”.
- (d) “Não se pode dizer de antemão até onde irá a imitação de um modelo, nem quais são os tipos destinados à provocá-la”.
- (e) “Não são sempre as formas mais numerosas que desencadeiam a analogia”.
- (f) “Duas ou três palavras bastam para criar uma forma geral, uma desinência”.
- (g) “As formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas”.
- (h) “As palavras simples são, por definição, improdutivas”.
- (i) “A analogia é de ordem gramatical; ela supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si”.
- (j) “Ela é obra ocasional de uma pessoa isolada”.
- (k) “É uma forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento”.
- (l) “A linguagem das crianças está cheia delas, porque as crianças conhecem mal o uso (sic) e ainda não lhe estão sujeitas.”.
- (m) “O fenômeno da analogia surge para contrabalancear ao fenômeno fonético”.
- (n) “A analogia é um grande fator de evolução das línguas”.
- (o) “A forma analógica não acarreta necessariamente o desaparecimento daquela a que vem duplicar... Entretanto, como repugna a língua manter dois significantes para uma só idéia, as mais das vezes a forma primitiva, menos regular, cai em desuso e desaparece”.

¹³ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. (1995). “A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais na fala de duas crianças”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 26, p. 49-80.

A enumeração apresentada acima de (a) a (o) constituirá, no projeto que aqui se apresenta, um guia para sua execução. Cabe perguntar, portanto, se seria possível subdividi-la e agrupá-la de acordo com diferentes aspectos, a fim de, a partir do nosso objeto de estudo, situarmos mais facilmente em que tais formulações contribuem para a compreensão da maneira como são criadas as inovações lexicais pela criança. Neste sentido, vamos desenvolver aqui breves explicações dos fatores que definem analogia e dos critérios que poderão nos levar a agrupá-los e subdividi-los.

Sob um primeiro prisma englobaríamos postulações que nos ajudassem a compreender aspectos da analogia sobre a palavra, ou seja, a forma e a estrutura da palavra. Com efeito, selecionamos uma primeira afirmação para exemplificar o nosso objetivo: o caráter que a analogia tem de unificar as formas e estabelecer uma regularidade. Fenômeno parecido ocorre no “erro reorganizacional” da fala da criança apontado por Bowerman (1982), no qual o que acontece é um movimento de unificação das formas. As “falhas” na conjugação verbal dos verbos irregulares e regulares e na colocação de gênero como no dado (3)¹⁴ abaixo são exemplos iniciais de um dos autores incluídos na resenha bibliográfica projetada para esse trabalho. Exemplos mais intrigantes vão aparecer, no entanto, ao longo da execução do trabalho e vão requerer uma discussão mais detida.

(3) (As crianças estão sentadas em círculo –hora da rodinha – contando o que fizeram no final de semana)

P1: E você Bruno, o que fez no final de semana?

B1: Fui no sítio. Tinha pato, pata, boi, **bóia**...

R1: No meu sítio tem bode, **boda**, porco, porca...

Sob um segundo ponto de análise reuniremos aspectos da analogia sobre a forma geradora. Nosso intuito com essa subdivisão é observar as palavras destinadas à analogia, bem como o limite da produtividade de palavras analógicas. Dissertaremos, por exemplo, sobre as formas resistentes à analogia e veremos se isso teria como consequência a (im)previsibilidade, no que se refere a imitação de um modelo e as formas passíveis de sofrerem analogia, na fala da criança. Sendo assim, no decorrer da análise serão levantadas as perguntas: Quais as formas na fala da criança que não podem ser “imitadas” e quais os tipos destinados a essa imitação?

A partir do aspecto acima, também nos perguntaremos se duas ou três palavras bastam para criar uma forma geral. Veremos que isso pode ser facilmente observado na fala da criança, uma vez que, uma forma que ela já tenha adquirido serve de modelo para as generalizações. Como exemplo disto temos os verbos prefixados em “des” estudados por Figueira (1999).

Numa terceira sub-divisão, analisaremos as postulações sobre a analogia no que se referem ao sujeito. Voltar-nos-emos, assim, para a relação, sempre importante de ser observada, entre o falante e a língua(gem), ou seja, a posição do falante em face da linguagem. Um postulado fundamental, extraído deste foco, diz que é a analogia obra de uma pessoa só.

¹⁴ Dado retirado de: SANTOS, P de C. (1997). “A Construção de significado: um caminho possível”. Londrina: Uel.

Podemos, com isso, nos indagar: será que o mesmo se aplica à fala da criança? Veremos, em nosso estudo mais aprofundado que crianças diferentes produzem inovações lexicais iguais. O que explicaria esse fenômeno? E o que isso nos faz pressupor sobre o processo de aquisição de linguagem? São dois tipos de questões a serem consideradas ao analisarmos a analogia a partir deste aspecto.

Um ponto delicado, no que se refere ao texto (*Curso de Lingüística Geral*), constituirá nossa quarta e última subdivisão: diz respeito aos aspectos que se voltam para a analogia como fonte da mudança lingüística. A princípio podemos dizer, assim como já foi observado em pesquisas passadas, que a fala da criança não pode gerar mudança lingüística, uma vez que a forma nova - por ela criada - desaparece de sua fala na medida em que ela adquire a linguagem. No entanto, este aspecto será um caminho interessante para investigar se a fala da criança indica tendências da maneira como uma língua muda e quais as relações entre as inovações lexicais da criança e os neologismos do adulto.

Como já podemos ver existem muitas dimensões em que as considerações sustentadas convergem para a investigação das formas novas encontradas na fala da criança entre os três e cinco anos e tais dimensões certamente podem nos ajudar a entender um pouco melhor este fenômeno intrigante que é a aquisição da linguagem.

Referências bibliográficas

- BOWERMAN, M. (1982). "Reorganizational process in lexical and syntactic development". In Wanner & Gleitman (orgs.), *Language acquisition: the state of the art*. Cambridge: Ed. Cambridge University Press.
- CAUDURO, M de L. F. (2001). "Erros na fala infantil". *Revista Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 1, p.159-174.
- CLARK, E. V. (1982). "The young word-maker: A case study of innovation in the child's lexicon". In E. Wanner & L. R. Gleitman (Eds.), *Language acquisition: The state of the art*. Cambridge: Ed. Cambridge University Press.
- DE LEMOS, C. (1995). "Língua e Discurso na teorização sobre aquisição de linguagem". *Letras de Hoje*, vol. 4, n. 30, p. 9-28.
- _____.(2003). "O Erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem". Albano & alii (org): *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado das Letras. p. 515-533.
- DUBOIS, J. (et al) (1973). *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- DUCROT, O & TODOROV, T. (1998). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- FIGUEIRA,R.A. (1995). "A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais na fala de duas crianças". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, vol. 26, p. 49-80. UNICAMP.
- _____.(1996). "O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem". *O Método e o Dado no Estudo da language*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- _____.(1999). "Aquisição dos verbos prefixados por des- em Português". *Palavra5*. Rio de Janeiro: Ed. PUC- RJ.
- GUIMARÃES, E. (2001). "Os estudos sobre Linguagens Uma História das Idéias". Comciencia. Revista eletrônica do Labjor e SBPC.
- PEREIRA CASTRO, M. F. & FIGUEIRA, R.A. (2006). "A Aquisição de Linguagem". *Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Ed. Pontes.

SANTOS, P de C. (1997) *A Construção de significado: um caminho possível*. Londrina:Uel.

SAUSSURE, F. ([1916] 2004). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix.
_____.(2004). *Escritos de Lingüística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix.